

# ASPECTOS PROBLEMÁTICOS DA ESTRUTURA FUNDAMENTAL DA HISTÓRIA NO PENSAR OCIDENTAL

**Roberto de Amorim Almeida**

da Universidade Federal de Pernambuco

Entre as grandes aporias do presente século com relação a questão da estrutura fundamental da história no pensar ocidental, poucas foram as reflexões que levantaram tantas polêmicas e controvérsias quanto as concepções expostas pelos pensadores Martin Heidegger e Karl Loewith.

Estas podem ser condensadas da seguinte maneira: Martin Heidegger tenta explicar a estrutura fundamental da história no pensar ocidental através da concepção pré-socrática, não somente para superar um determinado modo de pensar, o pensar diferencial, mediativo, mas também para superar a estrutura a este correspondente, isto é, o esquecimento reinante sobre esta estrutura fundamental no mundo pós-socrático. (1) Karl Loewith, ao contrário aspira explicar esta estrutura a partir do posicionamento greco-romano, ou melhor, cíclico, que significaria antes de tudo a infinita totalidade de um eterno repetir, negando assim todo um modo de pensar, o pensar escatológico, em suma, o pensar da tradição judaico-cristã, segundo ele fundamentalmente relativo e subjetivo. (2)

Deve-se assinalar porém, que Karl Loewith entende a apreensão dessa estrutura fundamental de uma maneira mais direta, mais imediata que Martin Heidegger, pois este apesar de sua tentativa de superar a estrutura fundamental da história do mundo pós-socrático, considera como condição de possibilidade de superá-la, não apenas o entendimento do pensar ocidental (subentenda-se do pensar pós-socrático), mas inclusive, o seu próprio questionar para desvelar esta aporia. Enquanto Karl Loewith nega tal inerência, ou segundo ele, tal posição mediática; procurando assim, através de uma radical negação de um modo de pensar, o pensar proveniente do mundo judaico-cristão, alcançar uma estrutura não-mediada, a estrutura fundamental da história, da história greco-romana denominada de *physis* (natureza). (3)

Isso significa o seguinte: primeiro que Karl Loewith procura entender a estrutura fundamental da história de um modo mais direto, de uma maneira não-mediada, como já afirmamos anteriormente; segundo que, quando denomina seu questionar como um pensar não-mediado, deseja fazer na verdade, uma crítica fundamental à concepção de Martin Heidegger.

Com isto participa Karl Loewith, apesar de todas as diferenças entre seu pensar e o pensar de Martin Heidegger, da necessidade de uma nova interpretação do "todo" dessa estrutura no pensar ocidental. As censuras de tais interpretações, é claro que não se coadunam. Contudo, esta posição por parte de Karl Loewith, com relação a aporia acima mencionada, leva-o pela necessidade de uma re-interpretação histórica do pensar ocidental, ou pelo menos de uma parte desta, a uma incrível proximidade com relação a posição de Martin Heidegger. (4)

Tanto em Martin Heidegger como em Karl Loewith se encontram deste modo semelhanças fundamentais. Ambos têm uma nítida tendência de colocarem, pelo menos em parte, a estrutura da história no pensar ocidental em questão, através da superação de uma tradição proveniente do mundo pós socrático ou de uma radical negação advinda do mundo judaico-cristão. Mais precisamente, a partir do momento em que Martin Heidegger e Karl Loewith procuram superar ou negar parte da estrutura fundamental da história no pensar ocidental, permanecem de algum modo a esta relacionada, tornando-se assim testemunhas, através de uma sempre renovada reflexão do passado, da unidade concreta da própria aporia a pensar.

Neste sentido deve-se assinalar que, se a reflexão de ambos aparenta ser a primeira vista a última acerca da estrutura fundamental da história e a história do pensar ocidental como um acontecer específico desta aporia, possui por outro lado, porém, esta última reflexão um significado inicial, pois ela se revela como a única condição e possibilidade desta controvérsia.

Isto significa que qualquer pensamento (ocidental ou não) pode ser colocado em questão, superando-o, negando-o, aceitando-o; entendê-lo, porém, só é possível quando sua história, sua maneira de se revelar for explicitamente repensada. Neste caso, pode-se afirmar que a questão da estrutura fundamental da história por parte de Martin Heidegger e Karl Loewith aparece na verdade como um aprofundamento do próprio pensamento ocidental.

Ambos os pensadores foram assim ao encontro de um princípio que tende a se revelar muito mais profundo que qualquer outro colocado em questão no pensar ocidental, isto é, foram ao encontro de um princípio que deveria definir toda a significabilidade dessa estrutura fundamental; estrutura aliás que não foi pensada, por exemplo, nem como *subjectum* — *essentia* — *esse* versus *anima* — *intellectus* — *voluntas* como foi o caso de Thomas Aquinas, nem muito menos como *objectum* versus *subjectum* segundo Immanuel Kant, mas como um "fundamento", no qual diferentes estruturas e diversidades de pensamentos se manifestam. (5)

Deste modo deve-se frisar que esta tentativa, esta nova modalidade de questionamento, tanto em Martin Heidegger como em Karl Loewith de refletir essa estrutura

como tal, levou-os a defini-la de uma maneira formalizante, isto porque, se por um lado propôs-se Martin Heidegger a refletir explicitamente sobre o que não foi questionado no pensar ocidental (a estrutura fundamental da história em si), levou-o por outro lado tal posicionamento a um esquecimento, a não poder explicitar o conteúdo da respectiva estrutura, isto apesar de Martin Heidegger colocar esse esquecimento no próprio cerne da mesma. É porém com Karl Loewith que este posicionamento de não-questionabilidade no pensar ocidental (a estrutura fundamental da história em si), levou-o por outro lado tal posicionamento a um esquecimento, a não poder explicitar o conteúdo da respectiva estrutura, isto apesar de Martin Heidegger colocar esse esquecimento no próprio cerne da mesma. É porém com Karl Loewith que este posicionamento de não-questionabilidade no pensar ocidental aparece de um modo mais claro no momento em que o mesmo chega até a negar tal determinação.

Se nossa reflexão for correta, qualquer futuro questionamento sobre a estrutura fundamental da história deve ser a seguinte: se quisermos refletir sobre essa estrutura seriamente, ela só pode ser entendida como uma estrutura internamente diferenciada, onde as funções primeiras e últimas dos seres e dos homens acontecem. (6) E por mais que esta reflexão possa parecer superficial, ele é a própria condição de possibilidade de a entendermos, como origem e simultaneamente como mediação.

Assim, o que os seres e os homens são ou não são, isto é, suas diferentes significações, só é possível entendê-las a partir deste acontecimento e sua reflexão sobre o mesmo. (7) Obviamente não significa tal acontecer algo anterior à própria estrutura fundamental, mas através dela é que se revela a prioridade de sua significação: o acontecimento como um movimento revelador da própria estrutura revelada.

Neste sentido deve-se acrescentar, que neste acontecimento duas modalidades de movimento, que se tornam realidades através desse acontecimento fundamental, podem ser diferenciadas: primeiro como anima — intellectus — voluntas (os homens); segundo como subjectum — essentia — esse (os seres). Em ambos os casos porém, trata-se de fato de um único movimento, o movimento da própria estrutura fundamental revelada. Em outras palavras, o primeiro movimento é a realização desse acontecer ao nível do ser que questiona, o que caracteriza sua especificidade; o segundo movimento é a realização desse mesmo acontecer em todos os outros níveis.

E ainda mais: apesar dessa problemática ter sido abordada a partir do primeiro movimento, essa questão não partiu nem do homem, nem de qualquer outro movimento, mas sim da própria estrutura fundamental aqui mencionada, revelando-se portanto, qualquer que tenha sido a reflexão sobre a mesma, por exemplo, a de Martin Heidegger e a de Karl Loewith, como um processo em sua auto-realização.

Em suas perspectivas fundamentais aparece então uma estrutura, que aliás não se reduz a simples argumentação, que cada momento da mesma seja condição de possibilidade de outra, mas uma estrutura que revela as diversas possibilidades dessas mesmas condições.

## NOTAS

- 1) Cf. por exemplo Heidegger M., *Vortraege und Aufsätze I*, Pfullingen 3 (1967) esp. 75-76.
- 2) Cf. Loewith K., *Welt und Menschenwelt*, in: *Zur Kritik der geschichtlichen Existenz. Gesammelte Abhandlungen*, Stuttgart (1960) 236.

Apesar de partir de outra posição em relação a essa problemática cp. também o ensaio de J. Habermas "Karl Loewiths stoischer Rueckzug vom historischen Bewusstsein". Cf. Habermas J., *Karl Loewiths stoischer Rueckzug vom historischen Bewusstsein*, in: *Theorie und Praxis. Sozialphilosophische Studien*, Darmstadt 2 (1967) 354.

- 3) A respeito disso tem, por exemplo, Max Mueller a seguinte posição. Essa concepção por parte de Karl Loewith acerca do conceito *physis* (natureza) não corresponde na verdade ao conceito da estrutura fundamental da história greco-romana como um todo, mas de fato, exclusivamente à experiência pré-socrática.  
  
Cf. Mueller M., *Erfahrung, Bewegung und Gegenuart*, in: *Erfahrung und Geschichte. Grundzuege einer Philosophie der Freiheit als transzendentalen Erfahrung* (Sammlung schon zum Teil veröffentlichter Schriften) Freiburg/Muenchen (1971) 48-49.
- 4) Cf. Almeida, R. de Amorim, *Natur und Geschichte — Zur Frage nach der urspruenglichen Dimension abendlaedischen Denkens vor dem Heintergrund der Auseinandersetzung zwischen Martin Heidegger und Karl Loewith*, Meisenheim am Glan esp. 132.
- 5) Com relação a essa problemática deve-se frisar que isso não significa que o pensar ocidental jamais tenha colocado a estrutura fundamental da história em questão, pois isto iria contra não apenas à própria condição de possibilidade da controvérsia entre Martin Heidegger e Karl Loewith acerca dessa estrutura, mas também de encontro à presente reflexão. Ou seja: qualquer esforço e tentativa de rompimentos radicais com reflexões anteriores, já traz em si um grau de ingenuidade, que vai de encontro ao que há de mais profundo em nossa reflexão.
- 6) Cf. por ex. Hegel, G.W.F., *Wissenschaft der Logik II*, Hamburg (1966) 484. Cf. também Mueller M., *Existenzphilosophie im geistigen Lebem der Gegenwart*, Heidelberg 3 (1964) 169.
- 7) Cf. Oliveira, M. Araújo de, *Filosofia Enquanto Auto-Reflexão da Razão*, in: *Revista de Ciências Sociais*, vol. IV, n.º 1 (1973) esp. 72.